



O prefácio de 2 *Macabeus*

Willibaldo Ruppenthal Neto¹
Universidade Federal do Paraná

Resumo:

O presente artigo visa apresentar os principais aspectos literários do livro de 2 Macabeus através do estudo de seu prefácio (2 Mac 2.19-32), analisando o mesmo a partir das tradições literárias da Antiguidade, estabelecendo sua forma, estilo e propósito. Como o prefácio deixa claro, o livro de 2 Macabeus é um resumo adaptado da obra em cinco volumes de Jasão de Cirene, de modo a tornar o relato mais fácil, curto e memorizável. O resultado de tal escrita foi a inclusão da mesma na Septuaginta, tornando-a em um dos principais relatos sobre a Revolta dos Macabeus (junto a 1 Macabeus), tanto na Antiguidade, como hoje, sendo uma fonte fundamental no estudo da história do judaísmo helenístico.

Palavras-chave: 2 Macabeus; Judaísmo; Judaísmo helenístico.

Abstract:

This article aims to present the main literary

¹ Mestrando em História na UFPR. Graduado em História na UFPR e Bacharel em Teologia pelas FABAPAR. Membro discente do NEMED/UFPR. Bolsista CNPq. E-mail: willibaldoneto@hotmail.com

aspects of the Second Book of Maccabees through a study of its preface (2 Macc 2:19-32), analyzing it from the Ancient literary traditions, establishing its form, style, and purpose. As the preface makes clear, the Second Book of Maccabees is an adapted summary of Jason of Cyrene's five-volume work to make the account easier, shorter, and memorable. The result was that such writing was included in the Septuagint, making it one of the principal accounts about the Revolt of the Maccabees (with 1 Maccabees), both in Antiquity and today, being a fundamental source for the study of the history of Hellenistic Judaism.

Keywords: 2 Maccabees; Judaism; Hellenistic Judaism.

Apesar da importância histórica que a Revolta dos Macabeus teve, tanto para a história dos judeus como para a história geral, são poucas as fontes a respeito da mesma que foram preservadas da Antiguidade. Mesmo que posteriormente se possa ter percebido, como indicado por Fergus Millar, que esta revolta judaica teve “significância muito maior do que qualquer outro aspecto do período helenístico” (MILLAR, 2006, p. 66), a mesma não parece ter chamado muita atenção dos historiadores gregos e romanos, ficando praticamente restrita, no que nos legou a Antiguidade, aos relatos judaicos. Deste modo, quando se estuda a Revolta dos Macabeus, apesar de existirem fontes greco-latinas como as obras de Políbio (STERN, 1976, p. 167-189) e Diodoro Sículo (STERN, 1976, p. 110-116), as principais fontes a serem utilizadas são

os relatos judaicos: Daniel², Flávio Josefo (*AJ* 12-13), os Manuscritos de Qumran (4Q248) e, principalmente, 1 e 2 Macabeus (BARTLETT, 1973, p. 10-13)³.

Apesar do título, os livros de 1 Macabeus e 2 Macabeus não são interdependentes, nem continuações, nem mesmo obras de um mesmo autor. São, pelo contrário, dois relatos distintos sobre praticamente o mesmo período⁴, apresentando a história da

Revolta dos Macabeus a partir de duas interpretações bastante diferentes⁵: enquanto 1 Macabeus se apresenta como uma análise bastante próxima da historiografia bíblica, relatando a Revolta como uma conquista militar dos macabeus, o livro de 2 Macabeus traz um relato bastante particular, recheado de emoções e milagres, no qual os heróis não são os líderes da revolta, que levantam as armas, mas antes os judeus devotos que, obedecendo às leis judaicas e desobedecendo às leis do rei selêucida Antíoco Epifânio, acabam morrendo.

Também, no que diz respeito ao estilo literário, é mais do que evidente serem dois trabalhos distintos: 1 Macabeus se apresenta como uma obra que valoriza a precisão cronológica e geográfica⁶, indicando

² Há certa dúvida quanto ao livro de Daniel ser uma fonte da Revolta dos Macabeus: segundo o próprio livro, trata-se de um relato profético de um judeu que teria vivido no séc. VI a.C., no cativeiro babilônico. Segundo a crítica histórica, porém, o livro é um relato do período da Revolta dos Macabeus, no séc. II a.C., utilizando a figura de um profeta de séculos antes como elemento literário. Deste modo, há diversos autores que defendem a datação no séc. II a.C. (J. J. Collins, F. Millar, R. Martin-Achard, H. H. Rowley, E. J. Bickerman, P. R. Davies, A. R. Millard, A. L. Chevitarese, etc), mesmo que parcial (geralmente se indica datação mais antiga para os capítulos de 1 a 6), e outros tantos que defendem a datação no séc. VI a.C. (B. K. Waltke, G. L. Archer, D. J. Wiseman, K. A. Kitchen, E. M. Yamauchi, J. G. Baldwin, G. R. Beasley-Murray, A. J. Ferch, G. F. Hasel, etc). Tal postura crítica tem como precursor o filósofo Porfírio, que a defendia. Cf. JEROME, 2009, p. 15.

³ Segundo Fergus Millar, se pode perceber, cronologicamente, as seguintes fontes sobre as medidas religiosas de Antíoco IV, que colaboraram na deflagração da Revolta dos Macabeus: Daniel 11, 2 Macabeus 6, 1 Macabeus 1, Diodoro Sículo (D.S. 34/35 1), Flávio Josefo (*BJ* 1 34), e o comentário de Jerônimo sobre Daniel (citando Porfírio), cf. MILLAR, 2006, p. 87. Este último, porém, não é uma fonte diretamente da Revolta, senão um comentário sobre Daniel como fonte da mesma. Cf. nota 4.

⁴ Apesar de 2 Macabeus começar seu

relato na situação anterior ao relato de 1 Macabeus, referindo-se ao final do reinado de Seleuco IV, avança somente até a derrota de Nicanor, encerrando seu relato, enquanto em 1 Macabeus tal evento se dá antes da metade do mesmo (cap. 7 de 16).

⁵ Para Jonathan A. Goldstein e G. W. E. Nickelsburg, os dois relatos não seriam somente diferentes, mas concorrentes, de modo que, enquanto 1 Macabeus teria sido escrito para elevar a dinastia dos macabeus, 2 Macabeus teria como foco diminuir o valor dos mesmos. Cf. GOLDSTEIN, 1983, p. 17-19, 82-83; NICKELSBURG, 1971.

⁶ Segundo Jonathan A. Goldstein, 1 Macabeus “é formidável por sua precisão geográfica”, de modo que “sítios de batalhas e eventos importantes são quase sempre nomeados” (GOLDSTEIN, 1983, p. 12), de modo muito diferente do que 2 Macabeus.

diversas datas, números e locais, enquanto 2 Macabeus é escrito com pouca atenção às datas⁷, buscando enfatizar muito mais a dramaticidade do relato. Assim, diferente de 1 Macabeus, que se constrói sobre uma tradição judaica bem conhecida, 2 Macabeus se apresenta, como bem indicado por Arnaldo Momigliano, como “algo único na historiografia antiga” (MOMIGLIANO, 1975b, p. 81). Apesar desta singularidade de 2 Macabeus, perceptível ao longo do relato tanto naquilo que relata como naquilo que omite – como se pode perceber na comparação com 1 Macabeus –, o livro cumpre com aquilo que propõe em seu prefácio, que acaba se constituindo em um elemento fundamental na sua leitura e mesmo na compreensão do mesmo como fonte histórica. Cabe, portanto, a leitura de tal prefácio, que apresenta tanto sua forma como sua função⁸:

(19) Os fatos referentes a Judas Macabeu e a seus irmãos, a

⁷ Segundo M. B. Dagut, 2 Macabeus apresenta “uma surpreendente desconsideração com a precisão cronológica” (DAGUT, 1953, p. 150), valendo-se quase sempre de referências bastante vagas para datar os eventos. Cf. 2 Mac 3.1; 4.7,18,23; 5.1; 6.1; 11.1.

⁸ Este prefácio, portanto, se aproxima da sugestão de Luciano de Samósata (*Hist. Conscr.* 53), o qual destacou a importância de um prefácio apresentar a forma e a função de uma obra histórica.

purificação do grandioso Templo e a consagração do altar; (20) as guerras contra Antíoco Epífanes e seu filho Eupátor; (21) as aparições vindas do céu em favor dos que generosamente realizaram façanhas pelo judaísmo, a ponto de, embora poucos, devastarem todo o país e porem em fuga as hordas bárbaras; (22) o fato de recuperarem o Templo, afamado em toda a terra habitada, de libertarem a cidade e de restabelecerem as leis que estavam para ser abolidas, tendo-lhes sido propício o Senhor com toda a sua mansidão, (23) todos esses acontecimentos, expostos por Jasão de Cirene em cinco livros, tentaremos⁹ sintetizá-los num só compêndio. (24) De fato, considerando a afluência dos números e a dificuldade que existe, por causa da abundância da matéria, para os que desejem adentrar-se nos relatos desta história, (25) tivemos o cuidado de proporcionar satisfação para os que pretendam apenas ler, facilidade para os que se interessem por confiar os fatos à sua memória, utilidade, enfim, a todos a cujas mãos chegar este livro. (26) Para nós, porém, que assumimos a dura tarefa deste resumo, não foi coisa fácil, mas antes uma obra de suores e vigílias, (27) como também não é empenho simples o de quem prepara um banquete e procura a satisfação dos outros. Contudo, pelo reconhecimento que esperamos de muitos, de boa mente submetemo-nos à dura tarefa, (28) deixando ao historiador a exata distinção de cada pormenor, para nos esforçarmos por seguir as linhas de um simples resumo. (29) E assim como o arquiteto de uma casa nova deve responsabilizar-se por toda a estrutura, ao passo que aquele que se encarrega de pintá-la e decorá-la

⁹ O autor de 2 Macabeus vale-se aqui da primeira pessoa do plural (cf. 2 Mac 2.23,25,27,32), assim como no seu comentário (2 Mac 10.10) e no seu posfácio (cf. 2 Mac 15.37-39), diferenciando do relato (2 Mac 3.1-15.36), escrito na terceira pessoa. Cf. ALEXANDER, 1993, p. 149.

deve procurar os materiais adequados para a sua ornamentação, da mesma forma penso que deve ser o nosso caso. (30) De fato, engolfar-se e como que pervagar pelos acontecimentos, detendo-se com curiosidade nos pormenores, é dever do autor primordial da história. (31) Quanto ao que dela faz uma adaptação, deve-se-lhe conceder que procure a brevidade no expressar e renuncie, portanto, à exposição exaustiva dos fatos. (32) Aqui, pois, demos início à narração, só isto acrescentando ao que já foi dito: seria simplório alongar-se antes da história, para depois resumir a própria história. (2 Macabeus 2.19-32)¹⁰

Apesar deste prefácio estar no segundo capítulo do livro, antecede o relato do mesmo, que vai do capítulo 3 (2 Mac 3.1) até o capítulo 15 (2 Mac 15.36). Mas, por que um prefácio estaria no segundo capítulo? Ora, no caso de 2 Macabeus, o prefácio se encontra no que posteriormente se classificou como o segundo capítulo por ser antecedido por duas cartas (2 Mac 1.1-2.18), aparentemente anexadas ao livro, que não apresentam nenhuma introdução ou comentário. São cartas simplesmente colocadas junto ao texto – se pelo autor ou por um editor posterior¹¹, não há como saber ao certo –, precedendo até mesmo o

prefácio. Deste modo, mesmo que estas cartas sejam consideradas originais, como parte integrante do livro¹², e indiquem seu propósito, lhe servem especialmente enquanto anexo, estando descoladas do relato (2 Mac 3.1-15.36), de modo muito mais independente que o prefácio (2 Mac 2.19-32) e o posfácio (2 Mac 15.37-39) do livro.

Apesar deste não ser o único prefácio judaico do período helenístico¹³, se diferencia dos demais casos: afinal, mesmo sendo uma obra aparentemente de teor secundário (como resumo de outra obra) não se desculpa pelas alterações que possam ter sido feitas sobre a obra original, tal como o Sirácida se desculpa em seu prefácio à tradução do Eclesiástico¹⁴, nem nega que tenha alterado algo do relato, como o faz Flávio Josefo (*AJ* 1 17)¹⁵, mas antes admite a alteração com uma bela comparação: assim como um arquiteto deve se responsabilizar pela estrutura de uma casa e quem a decorou e pintou deve

¹⁰ Utilizamos aqui a tradução da Bíblia de Jerusalém [BJ], tal qual nas demais citações diretas, a não ser quando mencionado.

¹¹ Geralmente, as cartas são indicadas como adições posteriores, cf. MOMIGLIANO, 1975b, p. 87; PARKER, 2007, p. 388; WILLIAMS, 2003, p. 72-73.

¹² Segundo J. W. van Henten, há “várias similaridades significativas no vocabulário” (VAN HENTEN, 2003, p. 78) das cartas em relação ao restante do livro de 2 Macabeus, indicando certa unidade entre o livro como um todo, com tais cartas inclusas.

¹³ A respeito de tais prefácios, cf. ALEXANDER, 1993, p. 147-167.

¹⁴ Eclesiástico, prólogo 20-26.

¹⁵ Em seu prefácio, Josefo afirma que não adicionou nem omitiu nada do relato das Escrituras. Sobre esta declaração, cf. INOWLOCKI, 2005.

se responsabilizar por sua ornamentação (v. 29), cabe a quem faz um resumo de outra obra, “ornamentar” o relato. Mas, o que seria “ornamentar” o relato? Aparentemente, trata-se somente de alterar o relato, dando-lhe outra “cor”, mediante uma “pintura” diferente dos fatos. Outra comparação, porém, parece indicar que se trata na realidade de uma alteração mais profunda, criando um relato ainda melhor que o anterior.

Esta outra comparação, semelhante à anterior e que indica o mesmo sentido que a casa construída e ornamentada, é feita pelo autor em seu posfácio (2 Mac 15.37-39), comparando a composição do relato ao vinho que é misturado à água: “De fato, como é nocivo beber somente vinho, ou somente água, ao passo que o vinho misturado à água é agradável e causa um prazer delicioso, assim é a arte de dispor a narrativa que encanta a inteligência de quem lê o livro” (2 Mac 15.39). A mistura de água ao vinho não é somente atestada na Antiguidade¹⁶, como parece ter um sentido especial, ao qual o autor faz alusão. Segundo Francis Borchardt, valendo-se de textos de Heródoto (Hdt. 6 84) e de Platão (Lg. 637e), esta prática não era somente tida como sofisticada, mas

também o vinho misturado era considerado como melhor do que o vinho não misturado. Deste modo, deve-se entender que o autor de 2 Macabeus considera seu trabalho como mais sofisticado, e conseqüentemente melhor, do que a obra de Jasão de Cirene (BORCHARDT, 2016, p. 80, nota 31), a qual não somente resumiu, mas também “ornamentou”, constituindo seu próprio relato. Não se trata somente de um resumo, portanto, mas de uma melhora, estabelecendo um novo e mais sofisticado relato.

De fato, a afirmação do autor de que teria pretendido “resumir” (*epitemein*, cf. 2 Mac 2.32) a obra de Jasão, fez com que fosse designado pelos comentaristas como o “epitomista” (em inglês: “*epitomator*”). Para Daniel R. Schwartz, porém, o termo correto é “autor” (em inglês: “*author*”), uma vez que “não apenas encurtou a obra”, mas também “investiu muito trabalho editando-a” (SCHWARTZ, 2008, p. 176)¹⁷. Tal

¹⁶ Cf. Hes. *Op.* 594-595; Ath. 10 426-427,430-431.

¹⁷ De fato, não está claro até que ponto podemos entender 2 Macabeus somente como um resumo da obra de Jasão de Cirene. Afinal, segundo H. W. Attridge, diversos textos não são originários de Jasão, sendo criação do autor de 2 Macabeus, a exemplo de: 2 Mac 3.24-25,27-28,30; 4.17; 5.17-20; 6.12-17; 7.1-42; 9.18-27; 12.43-45; 14.37-46; 15.36-39. Cf. ATTRIDGE, 1984, p. 178, nota 61. Segundo Zambelli, capítulos inteiros (12-15), teriam sido criados pelo autor de 2

trabalho, segundo o próprio prefácio, foi uma “dura tarefa”, a ponto de ser descrita como uma “obra de suores e vigílias” (2 Mac 2.26), ou seja, de grande esforço (“suores”) e dedicação (“vigílias”).

Este relato próprio, adaptado, que é o livro de 2 Macabeus, é, portanto, tanto um “resumo” da obra de Jasão de Cirene, como uma obra própria, constituída, sendo detentora de caráter histórico. Afinal, o termo grego *historia*, utilizado em relação à obra de Jasão de Cirene (2 Mac 2.30), também é utilizado em relação ao próprio livro de 2 Macabeus por seu autor: “seria simplório alongar-se antes da história [*historias pleonazein*], para depois resumir a própria história [*historian epitemein*]” (2 Mac 2.32b). Mas, que tipo de história é 2 Macabeus, segundo seu prefácio? Apesar deste termo ter o significado de “investigação” em outros casos¹⁸, aqui não possui este sentido, afinal, não é propriamente uma investigação, tal qual a obra de Jasão de Cirene, o qual pode ser chamado de “investigador” (“historiador” [BJ], cf. 2 Mac 2.28). Trata-se, antes, de *historia*

Macabeus, não encontrando correspondência na obra de Jasão. Cf. ZAMBELLI, 1965, p. 286-287. O correto a se afirmar, no entanto, é que, uma vez que a obra de Jasão não foi preservada, não podemos saber até que ponto 2 Macabeus se limitou a resumi-la.

¹⁸ Cf. LSJ, p. 842 (ἱστορία A.). Tal como em: Hdt. 2 118-119; Pl. *Phd.* 96a.

como “um relato escrito de certos eventos” (VAN HENTEN, 2003, p. 65)¹⁹, válida para “os que desejem adentrar-se nos relatos desta história [*historia*]” (2 Mac 2.24b). Assim, tão importante quanto os fatos é o relato dos mesmos, que permite o conhecimento sobre estes. Nada mais apropriado do que se considerar trabalhosos não somente a investigação de Jasão, mas também o empenho do autor de 2 Macabeus, resumindo e adaptando a obra deste a fim de compor um novo relato.

O livro de 2 Macabeus, a partir de seu prefácio, é indicado como um relato histórico o qual se preocupa não somente com os eventos a serem relatados, mas também com o modo pelo qual são relatados. Sendo assim, não é válida somente aos que “desejem adentrar-se nos relatos desta história” (2 Mac 2.24b), como já explicado, mas também pretende “proporcionar satisfação para os que pretendam apenas ler, facilidade para os que se interessem por confiar os fatos à sua memória, utilidade, enfim, a todos a cujas mãos chegar este livro” (2 Mac 2.25)²⁰. Como bem indicou Loveday Alexander (1993, p. 149-150, nota 1), esta proposta do autor de 2

¹⁹ Cf. LSJ, p. 842 (ἱστορία II.). Tal como em: Plb. 1 57 5; Hdt. 7 96; D.H. 1 2; Arist. *Po.*1451b3.

²⁰ Cf. [Pseudo-]Scymn. 92-93.

Macabeus de oferecer “satisfação” (*psychagogia*), “facilidade” (*eukopia*) e “utilidade” (*opheleia*) aos seus leitores, não é uma invenção sua, mas segue um *topos* literário de utilidade prazerosa, presente entre poetas²¹ e historiadores da tradição literária grega.

Trata-se de uma perspectiva segundo a qual uma obra pode ser tanto útil, em sentido prático, como prazerosa. Uma qualidade, portanto, não impediria necessariamente a outra. Seria contrastante, portanto, com outra perspectiva, segundo a qual se teria de fazer uma escolha sobre um destes elementos: segundo Estrabão (Str. 1 2 3,15-16), por exemplo, Erastóstenes teria acusado os poetas de serem interessados apenas em “satisfação” (*psychagogia*). Haveria aqui uma crítica implícita, portanto, à inutilidade das poesias. Já para o historiador Políbio (Plb. 9 2 6), sua obra histórica deveria ter somente “utilidade” (*opheleia*), ou seja, não deveria ter como foco o prazer e a fruição. Diferente destes dois exemplos, 2 Macabeus, no entanto, busca estar não somente entre a “satisfação” e a “utilidade”, mas também se pretende ainda importante pela sua “facilidade”, principalmente em comparação com a obra da qual não somente parte, como se distancia, ou seja, a obra de Jasão de Cirene.

²¹ Cf. Hor. *Ars* 343-344.

Diferente da atual situação, onde são poucas as fontes a respeito da história da Revolta dos Macabeus, havia justamente o problema inverso no contexto de escrita de 2 Macabeus, de modo que o autor chega a falar da “dificuldade que existe, por causa da abundância da matéria, para os que desejem adentrar-se nos relatos desta história” (2 Mac 2.24). Sua obra, resumindo os cinco livros²² de Jasão, teria como propósito a “facilidade para os que se interessem por confiar os fatos à sua memória” (2 Mac 2.25). Assim, 2 Macabeus teria como diferencial sua “brevidade” (2 Mac 2.31), não somente para quem quisesse realizar uma leitura rápida (“apenas ler”), como também para quem quisesse decorar os fatos ocorridos (“confiar os fatos à sua memória”).

Mas, como tais aspectos (leitura rápida e memorização) se relacionam à composição da obra? É evidente que, sendo escrito originalmente em grego, e não em hebraico, 2 Macabeus tenha

²² Em 2 Macabeus 2.23 fala-se nos “cinco livros” (*pentē biblion*) de Jasão de Cirene. Não se trata de cinco obras, mas de cinco partes de uma mesma obra, afinal, para os autores da antiguidade, um livro (*byblos*, *biblion*, *volumen*) era um rolo de pergaminho, sendo o todo ou parte de uma obra (*syntagma*), como estas se apresentavam nas bibliotecas, onde eram organizadas mediante títulos colocados em etiquetas (*sillybi*) feitas de tiras de couro ou de papiro. Cf. Cíc. *Att.* 4 4a.

aberto a história dos macabeus para um público grego que, mesmo que interessado pela história judaica, certamente teria certa aversão a um relato muito longo sobre a mesma. Tanto por sua língua como por sua brevidade, portanto, serviria para o mesmo propósito da Septuaginta, na qual foi incluído, ou seja, tornar a história e a cultura judaica acessíveis aos estrangeiros que eram interessados no judaísmo (cf. MOMIGLIANO, 1975a, p. 91), assim como facilitar para a sociedade judaica, cada vez mais imersa na cultura grega, e falante da língua grega (cf. BAUMGARTEN, 2002). A facilidade de memorização, porém, parece ter mais a ver com outro aspecto da obra, a saber, sua estrutura: a constituição do relato dentro de um padrão literário claro, onde se repete a mesma ordem de causa-efeito (*traição/ataque/martírio/resgate/vingança/festiva*), parece facilitar a memorização tanto da obra como da história contada por esta. Ao que tudo parece indicar, 2 Macabeus alcançou o resultado esperado: foi acolhida pelo judaísmo helenístico, sendo incorporada na Septuaginta, assim como pode ter até mesmo colaborado para que a obra de Jasão de Cirene fosse deixada de lado, e por fim perdida no tempo. Seu resumo, mais

fácil e prático, lhe substituiu completamente.

Se, por um lado, o trabalho do autor de 2 Macabeus parece ter resumido e alterado o relato de Jasão de Cirene, por outro parece ter omitido certos detalhes. Mas, em que medida e que tipos de detalhes são omitidos? Certamente nem todos os fatos merecem entrar na exposição. Afinal, o próprio autor diz ser importante que se “renuncie, portanto, à exposição exaustiva dos fatos” (2 Mac 2.31). Mas, com certeza, as omissões devem ter se dado em relação à “exata distinção de cada pormenor” (2 Mac 2.28), relegada como característica de Jasão, a qual o autor acaba renunciando.

Possivelmente, tais “pormenores” tenham relação com a afirmação referente à “afluência dos números” (2 Mac 2.24), a qual é relacionada à dificuldade decorrente da “abundância de matéria”, já explicada. Mas, o que seriam estes “números”? Segundo a maioria dos autores²³, trata-se dos dados estatísticos, ou seja, as distâncias, tamanhos de exércitos, etc,

²³ Cf. por exemplo: SCHWARTZ, 2008, p. 176; BORCHARDT, 2016, p. 83; BICKERMAN, 2007, p. 248, nota 36 (I). Segundo alguns autores, como J. A. Goldstein e R. Doran, porém, o “número” seria uma referência à unidade padrão de escrita de dezesseis sílabas, ou seja, haveria aqui mais uma referência crítica à extensão da obra de Jasão. Cf. GOLDSTEIN, 1983, p. 192; DORAN, 1981, p. 77-78.

que usualmente são elementos de descrição geográfica, militar e cronológica, a qual, como destacado no início do artigo, 1 Macabeus dá ênfase muito maior que 2 Macabeus.

Referências Bibliográficas

ALEXANDER, L. (1993). *The Preface to Luke's Gospel: Literary convention and social context in Luke 1.1-4 and Acts 1.1*. Cambridge, Cambridge University Press.

ATTRIDGE, H. W. (1984). Historiography. In: STONE, Michael E. (ed.). *Jewish Writings of the Second Temple Period: Apocrypha, Pseudepigrapha, Qumran Sectarian Writings, Philo, Josephus*. Assen/Philadelphia, Van Gorcum/Fortress Press, p. 157-184.

BARTLETT, J. R. (1973). *The First and the Second Books of the Maccabees*. Cambridge, Cambridge University Press.

BAUMGARTEN, A. I. (2002). Bilingual Jews and the Greek Bible. In: KUGEL, James L. (ed.). *Shem in the Tents of Japhet: Essays on the Encounter of Judaism and Hellenism*. Leiden/Boston/Köln, Brill.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. (2013). Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais sob a coordenação de Gilberto da Silva

Gorgulho, Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. 9 reimpressão. São Paulo, Paulus. [BJ].

BICKERMAN, E. J. (2007). *Studies in Jewish and Christian History. A New Edition in English including The God of the Maccabees*. Introduced by Martin Hengel. Edited by Amram Tropper. Two Volumes. Leiden/Boston, Brill.

BORCHARDT, F. (2016). Reading Aid: 2 Maccabees and the History of Jason of Cyrene Reconsidered. *Journal for the Study of Judaism*, Vol. 47, p. 71-87.

DAGUT, M. B. (1953). II Maccabees and the Death of Antiochus IV Epiphanes. *Journal of Biblical Literature*, Vol. 72, No. 3, p. 149-157.

GOLDSTEIN, J. A. (1983). *II Maccabees: A New Translation with Introduction and Commentary* by Jonathan A. Goldstein. New York, Doubleday.

INOWLOCKI, S. (2005). Neither Adding nor Omitting Anything: Josephus' Promise not to Modify the Scriptures in Greek and Latin Context. *Journal of Jewish Studies*, Vol. 56, No. 1, p. 48-65.

JEROME. (2009). *Jerome's Commentary on Daniel*. Translated by Gleason L. Archer Jr. Eugene, Wipf & Stock.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. (1996). *A Greek-English Lexicon*. Compiled by Henry George Liddell and Robert Scott.

Revised and Augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones with the Assistance of Roderick McKenzie and with the cooperation of many scholars. With a revised Supplement. Oxford, Clarendon Press. [LSJ].

MILLAR, F. (2006). *Rome, the Greek World, and the East*. Volume 3: The Greek World, the Jews, and the East. Edited by Hannah M. Cotton and Guy M. Rogers. Chapel Hill, The University of North Carolina Press.

MOMIGLIANO, A. (1975a). *Alien Wisdom: The Limits of Hellenization*. Cambridge, Cambridge University Press.

MOMIGLIANO, A. (1975b). The Second Book of the Maccabees. *Classical Philology*, Vol. LXX, Number 2, p. 81-88.

NICKELSBURG, G. W. E. (1971). 1 and 2 Maccabees – Same Story, Different Meaning. *Concordia Theological Monthly*, Vol. 42, No. 8, p. 515-526.

PARKER, V. (2007). The Letters in II Maccabees: Reflexions on the book's composition. *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft*, Bd. 119, p. 386-402.

SCHWARTZ, D. R. (2008). *2 Maccabees*. Berlin/New York, Walter de Gruyter.

STERN, M. (ed.). (1976). *Greek and Latin Authors on Jews and Judaism*.

Edited with Introductions, Translations, and Commentary by Menahem Stern. Volume One: From Herodotus to Plutarch. Jerusalem, The Israel Academy of Sciences and Humanities.

VAN HENTEN, J. W. (2003). 2 Maccabees as a History of Liberation. In: MOR, Menachem; OPPENHEIMER, Aharon; PASTOR, Jack; SCHWARTZ, Daniel R. (eds.). *Jews and Gentiles in the Holy Land in the Days of the Second Temple, the Mishnah and the Talmud: A collection of articles*. Proceedings of the Conference *Relations between Jews and Gentiles in the Period of the Second Temple, Mishnah, and the Talmud*, held at the University of Haifa, 13-16 November 1995. Jerusalem, Yad Ben-Zvi Press, p. 63-86.

WILLIAMS, D. S. (2003). Recent Research in 2 Maccabees. *Currents in Biblical Research*, Vol. 2, No. 1, p. 69-83.

ZAMBELLI, M. (1965). La composizione del secondo libro dei Maccabei e la nuova cronologia di Antioco IV Epifane. In: *Miscellanea greca e romana*. Roma, Istituto italiano per la storia antica, p. 195-299.